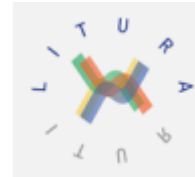


Interpretar?ⁱ

Marcus André Vieira



1.

Para trabalhar o lugar da interpretação em nossa prática hoje, vou me circunscrever à interpretação do material inconsciente, reunido por Lacan em uma rubrica apenas: formações do inconsciente: sonhos, atos falhos, lapsos, esquecimentos. Isso porque antes mesmo da morte de Freud, a interpretação de outras coisas, das resistências por exemplo, ganha lugar e valor, como se o material inconsciente não fosse suficiente para conduzir o trabalho analítico e a interpretação da transferência, por exemplo, fosse mais apropriada. Este tipo de ideia, de buscar um mais além, ou aquém, do material básico de uma análise: lembranças, falas etc, ganha força quando não dispomos de situações típicas, clássicas, nas quais a atenção às próprias formações do inconsciente parece ofuscada pelas angústias maciças, depressões catastróficas, compulsões dos chamados “novos sintomas”.

Neste sentido, Serge Cottet, em artigo que é referência para a comunidade de que faço parte, o Campo Freudiano, reunido nas Escolas da Associação Mundial de Psicanálise, constatava há alguns anos um declínio da interpretação. De fato, talvez a tendência mais natural diante dessas novas configurações, seria pensar em uma ruptura, propor um “novo sujeito”, na mesma linha de uma pós-modernidade. Do mesmo modo, haveria a primazia, na teoria psicanalítica, da teorização de personalidades narcísicas, *borderlines*, casos-limite em detrimento do inconsciente, de suas formações e de sua interpretação.

Sem me inscrever contra este movimento, que é necessário e importante, assim como as resistências e a transferência, gostaria de propor o exercício contrário e imaginar o que seria a interpretação do inconsciente dada a “precariedade”, falta de simbolização, etc. como tendemos a nos referir aos analisandos de hoje. Quero propor a continuidade em vez da ruptura.

Toda análise lida com um “fora da fala”, Lacan não foge disso, mas recusa o “elo perdido” o pré-verbal. Não há pré-verbo só fora-do-verbo. Claro que para isso é preciso incluir no campo da linguagem tanto as linguagens verbais quanto as demais: sensoriais visuais, etc. basta que haja encadeamento de elementos produzindo algum tipo de significação para que chamemos de linguagem.

Então, a pergunta seria: mais de um século desde a *Interpretação dos sonhos*, ainda se interpretam formações do inconsciente? Para quê? Como?

Adianto minha hipótese: sim. É possível e vale a pena, mesmo com relação aos novos sintomas. No entanto, só posso sustentar essa hipótese, se me apoio em uma definição minimalista e bem geral de interpretação. Esta definição não é possível sem o trabalho de formalização e de releitura de Freud empreendido por Lacan. Aliás, minha própria leitura só

é possível graças ao trabalho de Jacques Alain Miller, que ajuda a ver o alcance e a precisão desta formalização lacaniana.

2.

Lacan não usa necessariamente os termos de Freud. Ele extrai o essencial apresentando-o de outra forma. Se o que Lacan propõe não está exatamente assim em Freud, às vezes inclusive vai contra algumas das metáforas freudianas mais famosas, ao menos é possível demonstrar que não é de modo algum contraditório com seu texto e sua clínica.

Uma interpretação, para começar é a releitura de um texto de base por outro. Tomando o exemplo do sonho, ela se constitui em um caminho que vai desde os pensamentos da vigília, onde se inclui o relato do sonho e os restos diurnos, até os pensamentos oníricos, que são uma dedução, quase construção do que teria dado origem ao sonho. No meio do caminho, acrescentou-se aos primeiros as associações, ou seja, o material inconsciente, para se chegar ao texto final.

Lacan sintetiza tudo isto da seguinte forma: “*A interpretação deve introduzir no texto algo que, subitamente, torne possível, a tradução.*”ⁱⁱ

Toda questão será: o que é esta tradução? E tradução do quê? De modo geral nos damos por satisfeitos considerando que a tradução é o segundo texto, o texto de chegada. Certo, mas falta considerar o resto da tradução.

Nenhum tradutor considera que com sua tradução trouxe a verdade do texto de base. A tradução é sempre traidora, pois é a tradução de um impossível. Exatamente o que a expressão na língua de base define será impossível de traduzir perfeitamente. O máximo que se pode fazer é um recorte equivalente na língua de chegada. É o que Ezra Pound sintetizou com seu célebre *make it new!* E que Augusto de Campos propôs como *transcrição*. Então, em vez de *Seaside Fred* para Fernandinho Beira-Mar, “Solunaticamente em mim só”ⁱⁱⁱ de Augusto e Haroldo de Campos traduzindo “Loonely in me loneness” de Joyce.

Em oposição ao *make it new!* situa-se a frase de Robert Frost: “poesia é exatamente aquilo que se perde na tradução”, em outros termos: a graça é aquilo que se perde quando se explica a piada. Segundo Pound, é possível criar uma nova piada na outra língua e obter com ela, se os deuses nos sorrirem, o efeito equivalente. Vamos partir do pressuposto que, ainda assim, algo se perde.

Pois bem, é exatamente o impossível de transmitir, esse resto que que resiste à tradução uma vez a tradução, ou a transcrição, feita, que uma análise trata de cingir. Algo de irreduzível, que não é nem será nunca legível em si é tomado nas malhas do universal. Ali situado, ele ganha novo lugar, mas alguma coisa desse singular se mantém intocado. A interpretação analítica não busca o possível da tradução, mas o impossível, esse resto irreduzível. E sua operação não visa exatamente traduzi-lo. Algo será traduzido, alguma coisa vamos entender de nossos problemas em uma análise, mas um jeito só meu de lidar com eles não será traduzido pela interpretação, mas localizado. Meu modo de ser não será encaixado em algum padrão predelineado, como em um horóscopo, mas se tornará

presente, concretamente presente, mesmo que por subtração: sei que meu modo está ali naquela quase tradução perfeita de mim para mim mesmo, mas sei que ainda não foi dessa vez que pude dizer-me. E assim vamos até que em vez de seguir tentando me encontrar, e encontro na soma dos mais variados momentos em que me deparei com meu estilo por subtração.

O que fica preso entre as duas línguas é o impossível da tradução. Chamemos a isso, com Lacan, de sujeito. Uma interpretação, localiza um sujeito. É isso que Lacan tem em mente quando fala em tornar possível a tradução. Uma interpretação analítica localiza (sem dizê-lo com todas as letras) o ser do sujeito entre a fala consciente e a inconsciente.

3.

A tradução analítica não vai trazer a verdade, mas acrescentar algo no meio dos dois textos que fala sobre o ser do sujeito. É o pareamento dos textos que produz uma verdade entre eles. Dois exemplos bem imediatos dessa estrutura: “posso fazer um *adentro*”, “isso foge à minha *ossada*”: entre os dois textos o primeiro e o segundo, localizou-se um sujeito.

É este o caso em Freud. Vou ilustrar com um exemplo ([cf. Cap. 5 da Psicopatologia da vida quotidiana, último exemplo](#)):

Uma mãe apressa a filha para que ela se arrume, pois as duas têm que sair. Quando a filha chega, ela ainda está lixando as unhas. A filha reclama e ela responde: você é uma só eu tenho *doze* dedos para cuidar.

Nas associações, o “doze” remete à família do marido (em que havia muitos nascimentos com doze dedos) e ao dia doze. Chega-se ao fato de que ela desejava que o tio desse marido morresse e deixasse o dinheiro para ela e por isso tinha esquecido de enviar um telegrama no dia 12, aniversário dele como fazia todos os anos.

Como é possível de observar “tomara que no próximo dia doze eu tenha uma boa notícia” não é a tradução de “tenho dez dedos para cuidar”, mas sim, a conjunção das duas frases situa o sujeito do inconsciente. Entre elas: o desejo de morte não é o ser do sujeito, mas apenas uma de suas versões. Um de seus desejos. Isso fica claro com a sequência do exemplo: Freud insatisfeito com o resultado, avança e a partir dos “dedos” agora e não mais do “doze” e chega a outra frase: “ela desejava que suas filhas, anormais, como seu marido e toda a família deste, morressem”.

Ora, querer que o analisando assumira que, no fundo, como expressão mais verdadeira de seu ser, deseja a morte de suas filhas seria um pouco demais. Uma análise, ao contrário, é tornar possível, para alguém, este espaço entre duas linhas, onde sua fração mais singular virá se aninhar. O mais surpreendente é que uma vez aberto este espaço, ele começa a contar histórias. De fato, uma vez feito um espaço entre minhas certezas, não consigo deixá-lo assim. Seria preciso muita meditação e outras práticas afins que tentam esvaziar mente e coração e mantê-los vazios. Freud tenta abrir a mente e o coração ao imprevisível de uma fenda em plena subjetividade.

Este espaço não fica vazio, outras associações tendem a vir ocupá-lo. Desta forma, uma análise é o desenho de um ser que não está lá a partir de um sem-número de interpretações.

O resultado da operação não é um novo texto mais verdadeiro, mas sim a apreensão de um ser entre os dois textos. Essa apreensão é vaga, no sentido de um saber explícito, consciente, mas é ela que permitirá o andamento da análise.^{iv}

O nome deste ser, em Lacan, é gozo. Um tanto de vida sem nome que não cabe na vida que se leva. É a pulsão radicalizada, sem objeto ou com objetos impossíveis. E nem cabe no inconsciente, mas que o inconsciente figura como pode e bem mais do que o consciente. O umbigo do sonho não será limite, mas borda de um novo desenho do sujeito. Esse novo desenho será construído. Não será recordado. É um pouco o que representa o desejo de morte da filha com relação à morte do tio.

Como se vê a interpretação é do inconsciente e não do analista, ele dirige, não interpreta.

Pois bem, assim colocada, de forma reduzida, a proposta aqui é que a interpretação ainda tenha lugar na análise. Só é preciso que haja espaço entre o que alguém é, seu texto consciente, e outras coisas que lhe afligem, mas que também sejam dele.

4.

Hoje não há este espaço. O que você é e o que você gostaria de ser, por exemplo, têm que ser idênticos. O espaço entre o eu e o ideal é preenchido pelas intervenções e próteses do Outro. Do mesmo modo entre intenção e gesto há pouco espaço.

Figurei isso no livro “Restos”^v como um sujeito cochilando no ônibus. Enquanto voo costurando todos os pontos de minha vida em busca do sucesso, não há surpresa. É preciso que haja cochilos. Entre os dois pontos há que haver espaço. E é esse que está lotado de vendedores e saberes. Para que haja, portanto, a possibilidade da interpretação analítica é preciso que haja este espaço.

Classicamente, é o saber do analista que o sustenta. Basta-lhe dizer, desse lugar de senhor do saber, como Freud: “no curso dos acontecimentos tudo se esclarecerá” (citando Nestroy em “Moises e o Monoteísmo”) que o espaço está criado. Mas o lugar do saber hoje é ocupado pelo Google. A questão então passa a ser: como engendrar este espaço sem que seja com este contrato-Nestroy?

Para ilustrar essa experimentação, apresento um exemplo, fora de uma análise: São três crianças entre oito e dez anos em um grupo de atendimento da Maré.

Histórias pesadíssimas: Fernando dado como: hiperativo e com TDAH, foi deixado com a avó com três anos, agora retomado pela mãe.; Lara mora com um irmão esquizofrênico, muitas vezes agressivo, foi criado pelos avós no andar de baixo da casa. Muda-se com a mãe e um novo namorado. Lara é espancada por ele, a avó faz o Conselho

tutelar intervir e ela volta a viver com ela; Sílvia: casamento dos pais desfeito com violência há cinco anos (espancamentos do pai, a mãe atira no pai, a avó recupera os netos).

Tudo muito pesado, todos agitados e pouco falantes, aparentemente sem espaço para elaborações.

Lara propõe mímica e logo após algumas imagens, coloca os outros dois em uma cena de espancamento de uma criança. Um padrasto bate em uma criança sob os olhos de uma mãe. A coordenadora acha muito pesado e pede a Sílvia que prossiga, mas ela apenas desenvolve a mesma cena. Sem saber como interromper, pede então para que Fernando agora faça uma cena. Ele diz: "Eu não! Não tenho nada de ruim para contar!".

O algo ruim relê a cena como algo ruim. Ao mesmo o "algo ruim" transforma a cena anterior em uma versão, um texto e não o horror em si.

Todos se aliviam. Neste exemplo, é bem verdade que o "algo" acrescentado veio de Fernando e não das associações de Lara. Neste sentido, o exemplo se afasta do que ocorre em uma análise. No entanto, a estrutura é a mesma. Essa intervenção age de forma a interpretar o que Clara força o grupo a viver, localizando, entre as duas sequências, a do "espancamento" e a do "coisa ruim" de Fernando, um espaço. É nele que poderá aparecer algo novo. Isso se confirma quando Clara pergunta um pouco depois se pode falar e percebendo que ninguém a encoraja diz "juro que não será uma história ruim não". O tema passa a ser os pais, quem é um pai, e qual a cor dos pais de cada um.

Entre os extremos, do exemplo de Freud e esse situa-se nossa clínica. Na minha prática prossigo verificando a importância das sutilezas de pequenas releituras como esta, de silêncios bem colocados e apostas em ambiguidades e esquecimentos.

Aqui há um campo aberto para experimentações, modestas já que a interpretação não é do analista, mas do material inconsciente. É preciso apostar nos poderes do vazio e de alguns silêncios, em uma sociedade do cheio e da comunicação. Mas é como propõe J. A. Miller a aposta do analisante em nós e não do analista, pois nos apoiamos no fato de que a interpretação funcionou para nós em nossas análises, de que elas puderam dizer um tanto do indizível de nosso gozo, de que a verdade saiu do poço, mesmo que a meio corpo. Em vez de nos apoiarmos em uma nova teoria e uma nova técnica, podemos nos apoiar na certeza de nossas análises, mesmo que seja preciso muito reinventar. Ajuda-nos lembrar, que o inconsciente freudiano não é apenas um vazio, ele existe porque, como sintetiza Lacan algo em nós ri, sonha e fracassa (ou rateia).

ANEXO I

Freud, S. “Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana”, vol. VI, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1976.

Capítulo V: Lapsos da Fala, último exemplo:

Para concluir, em prol dos leitores que estão dispostos a fazer um certo esforço e não desconhecem a psicanálise, acrescentarei um exemplo capaz de mostrar a que profundezas da alma pode conduzir a investigação de um lapso da fala. O exemplo foi relatado pelo Dr. Z. Jekels (1913).

Em 11 de dezembro, uma dama de minhas relações interpelou-me (em polonês) de maneira um tanto desafiadora e arrogante, dizendo: ‘Por que foi que eu disse hoje que tenho doze dedos?’ A meu pedido, ela reproduziu a cena em que essa observação fora feita. Ela se aprontara para sair com a filha para fazerem uma visita, e pedira à filha - um caso de demência precoce em fase de remissão - que trocasse de blusa, o que ela fez no quarto ao lado. Ao voltar, a filha encontrou a mãe ocupada em limpar as unhas, seguindo-se a seguinte conversa:

“Filha: ‘Está vendo? Agora já estou pronta, e você, não!’

“Mãe: ‘É, mas você só tem uma blusa, e eu, doze unhas.’

“Filha: ‘O quê?’

“Mãe (impaciente): ‘Ora, naturalmente, pois eu tenho doze dedos.’

“Um colega que ouvira essa história junto comigo perguntou a ela o que ocorria em relação a doze. Ela respondeu de modo igualmente rápido e decidido: ‘Para mim, doze não é nenhuma data (importante).’

“Para dedo, ela forneceu a seguinte associação, depois de hesitar um pouco: ‘Na família do meu marido, houve quem nascesse com seis dedos nos pés (o polonês não tem um termo específico para Zehe [dedos dos pés]). Quando nossos filhos nasceram, foram imediatamente examinados para ver se tinham seis dedos.’ Por motivos externos, não se prosseguiu na análise nessa noite.

“Na manhã seguinte, 12 de dezembro, a dama me visitou e disse, visivelmente agitada: ‘Sabe o que me aconteceu? Há cerca de vinte anos tenho enviado congratulações ao velho tio de meu marido por seu aniversário, que é hoje, e sempre lhe escrevo uma carta no dia 11. Desta vez, esqueci e acabo de ter que enviar-lhe um telegrama.’

“Lembrei-me, e recordei a essa dama, quão decididamente ela havia descartado, na noite anterior, a pergunta de meu colega a respeito do número doze, que decerto era muito apropriada para lembrá-la desse aniversário, com a observação de que o doze não era para ela nenhuma data importante.

“Ela então admitiu que esse tio de seu marido era um homem rico, de quem, na verdade, ela sempre esperava herdar alguma coisa, muito especialmente na situação de aperto financeiro por que estava passando agora. Fora ele, por exemplo, ou melhor, a morte dele, que lhe ocorrera de imediato alguns dias antes, quando uma conhecida lhe profetizara pelas cartas que ela receberia uma grande soma em dinheiro. Passou-lhe de imediato pela cabeça que o tio era o único de quem ela ou seus filhos poderiam receber dinheiro; e essa mesma cena também a fez recordar, instantaneamente, que a mulher desse tio certa vez prometera lembrar-se dos filhos dela em seu testamento. Nesse ínterim, porém, a tia morrera sem deixar testamento; teria ela deixado essa incumbência ao marido?

“É evidente que o desejo de morte contra o tio deve ter surgido com enorme intensidade, pois ela dissera à amiga que fez a profecia: ‘Você induz as pessoas a matarem outras.’ Nos quatro ou cinco dias decorridos entre a profecia e o aniversário do tio, ela consultou seguidamente o obituário dos jornais da cidade em que ele morava, à procura da notícia de sua morte. Não

surpreende, portanto, tendo em vista a intensidade do desejo de que ele morresse, que o fato e a data do aniversário que ele estava prestes a celebrar fossem tão intensamente suprimidos a ponto não só de fazê-la esquecer um propósito levado a cabo durante anos, mas também de fazer com que nem sequer a pergunta de meu colega conseguisse trazê-lo a sua consciência.

“No lapso ‘doze dedos’, o ‘doze’ suprimido veio à tona e ajudou a determinar o ato falho. Digo ‘ajudou a determinar’ porque *a notável associação com ‘dedos’ permite-nos suspeitar da existência de outras motivações*; ela também explica porque o ‘doze’ falseou exatamente essa expressão inocentíssima, ‘dez dedos’. A associação fora: ‘Na família do meu marido, houve quem nascesse com seis dedos nos pés.’ Seis dedos são o sinal de determinada anormalidade. Portanto, seis dedos significam um filho anormal, e doze dedos, dois filhos anormais. E de fato era esse o caso. Essa dama se casara muito jovem, e a única herança que lhe foi deixada pelo marido - sempre considerado um homem excêntrico e anormal, que tirou a própria vida pouco depois de se casar com ela - foram duas filhas que os médicos repetidamente definiam como anormais e como vítimas de grave doença hereditária vinda do pai. Recentemente, a filha mais velha voltara para casa depois de um grave ataque de catatonia; pouco depois, a mais nova, agora na puberdade, também caiu doente, vítima de uma neurose grave.

“O fato de a anormalidade das filhas vincular-se aqui ao desejo da morte do tio, e de se condensar com esse elemento muito mais intensamente suprimido e de valência psíquica maior, permite-nos supor a existência de um segundo determinante para o lapso da fala, qual seja, o desejo de morte contra as filhas anormais.

“Mas o sentido predominante do doze com desejo de morte já é indicado pelo fato de que o aniversário do tio estava muito intimamente associado, nas representações da narradora, com a idéia da morte dele. Ocorre que seu marido se suicidara num dia 13, isto é, um dia depois do aniversário do tio; e a mulher do tio dissera à jovem viúva: ‘Ontem ele o estava felicitando, tão efusivo e amável, e hoje...!’

“Cabe-me acrescentar que, além disso, essa dama tinha motivos bastante reais para desejar a morte de suas filhas, pois estas não lhe davam nenhuma alegria, apenas tristeza e graves restrições a sua independência, e por causa delas ela havia renunciado a toda e qualquer felicidade amorosa. Também nessa ocasião, ela fizera um esforço extraordinário para evitar à filha com quem ia fazer a visita qualquer motivo de aborrecimento; e bem podemos imaginar quanta paciência e abnegação são exigidas por um caso de demência precoce, e quantos impulsos de raiva têm de ser suprimidos nesse processo.

“Conseqüentemente, o sentido do ato falho seria: ‘Que morra o tio, que morram essas filhas anormais (toda essa família anormal, por assim dizer), e que eu fique com o dinheiro deles.’

“Esse ato falho, a meu ver, tem vários traços de uma estrutura incomum:

“(a) A presença de dois determinantes, condensados num único elemento.

“(b) A presença dos dois determinantes, refletiu-se na duplicação do lapso da fala (doze unhas, doze dedos).

“(c) É notável que um dos sentidos do ‘doze’, ou seja, os doze dedos que expressavam a anormalidade das filhas, represente uma forma de figuração indireta; a anormalidade psíquica foi aqui representada pela anormalidade física, e a parte superior do corpo, pela inferior.”

i Apresentado em “A psicanálise revisitada: conceitos freudianos para nossos dias” XIV Jornada de psicanálise da SPCRJ, South American Hotel, Rio de Janeiro, 22-23/10/2011).

ii (Escritos, Rio de Janeiro, JZE, 1998, pp. 593). “A interpretação (...) deve introduzir na sincronia do significante...”. Substituindo a sincronia do significante por um termo mais simples, “texto” teremos: ao conteúdo, relendo uma definição de interpretação de Lacan que se encontra no texto “A direção do tratamento”.

iii Augusto e Haroldo de Campos. Panorama do *Finnegans Wake*. Coleção SIGNOS. Conselho Estadual de Cultura, Comissão de literatura, São Paulo, 1986.

iv Dessa forma, é a partir do dito de Freud: uma interpretação só é interpretação se produz material novo, que diríamos com Lacan como é o material novo que designe o lugar do ser o sujeito. Ele é pouco definido, mas cheio de certeza. É mais certeza que saber.

v Vieira, M. A. Restos: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise. Contra Capa, 2ª ed. Rio de Janeiro, 2022.